

## **A construção do imaginário da morte nas cerimônias memoriais budistas**

Francisco Handa  
Doutor em História Social

### **Resumo**

Como a morte vem sendo construída a partir dos discursos produzidos pelos monges oficiantes de cerimônias memoriais no Templo Busshinji, da tradição Zen Soto, é o material de pesquisa e assunto deste artigo. Famílias de origem japonesa trouxeram em sua bagagem cultural o costume de reverenciar os antepassados. Por isso, procuram os templos budistas a fim de estabelecer o elo de ligação do presente com o passado. Nestas cerimônias os monges realizam sermões a respeito da morte. Verifica-se uma mudança de atitude, abandonando a pedagogia confucionista da obrigatoriedade por um entendimento budista da inconstância dos fenômenos.

Palavras chave: morte, cerimônia memorial, budismo, budismo zen.

### **Abstract**

As death has been built from speeches produced by monks who perform memorial ceremonies at Busshinji Temple, from Soto Zen tradition, it is the material of research and subject of this article. Japanese families brought with them in their cultural background the practice to worship their ancestors. For this reason, they look for buddhist temples in order to establish the link from the present to the past. During the ceremonies, the monks preach about death. It is noticed a change of attitude, abandoning the Confucianist teaching of liability for a buddhist understanding of impermanence of phenomena.

Word key: death, memorial service, Buddhism, Zen Buddhism.

### 1. Notas preliminares: o simbólico e o conceitual

O presente trabalho pretende mostrar e demonstrar a construção dos discursos produzidos nas cerimônias memoriais no Templo Busshinji, São Paulo, a respeito da morte e a maneira de transmissão dos ensinamentos budistas a respeito deste assunto conforme a tradição Soto Zen. Levemos em consideração também o momento histórico em que ocorrem as nossas reflexões, ao se referir a um budismo do tipo étnico, cuja finalidade inicial fora a de servir a coletividade de imigrantes japoneses radicada no município de São Paulo e interior.

Quando se fala em momento histórico, levamos em consideração a comemoração do centenário da imigração japonesa, como um acontecimento propício para o estudo dos discursos e sua aproximação da realidade das condições apresentadas. Claro que a idéia de morte veio sendo montada através do que chamamos de culto aos antepassados. Realizado no âmbito privado e igualmente público, ao se estender aos templos budistas, estas cerimônias tornaram-se instrumentos de fortalecimento dos laços afetivos que ligam os vivos com os seus antepassados.

No espaço doméstico, as famílias que conservam esta prática de cultuar os que já partiram, têm um altar de Buda, em proporções menores na sala ou num ambiente privado. Diariamente costumam fazer oferendas em forma de água limpa, arroz, velas e incenso. Num processo de repetição, os demais familiares reproduzem (ou não) o ritual iniciado pelos mais velhos. Ainda que deixem de fazer, pelo menos ficam cientes do procedimento. Pelo menos, o oferecimento do incenso é estimulado pelos outros. Isento de maiores explicações do sentido de tais procedimentos no espaço e no tempo simbólico, a transmissão acaba esbarrando no vazio produzido pela carência de incentivo.

Provavelmente as crianças teriam menos resistências em lidar com o universo mágico, como o apresentado no campo religioso. Não obstante, em idade adulta o interesse torna-se tênue, pois a relação com o sagrado acabou sendo substituída pelas

motivações de satisfação imediata. Provavelmente o culto aos antepassados se afastou do mundo material e, conseqüentemente, enfraqueceu.

Se podemos dizer que da idade adolescente para adulto, a relação com o mundo tornara-se gradativamente desencantada, uma certa “inocência” a que se permitia ter desapareceu, o pensamento racional e utilitarista criou por sua vez categorias e conceitos valorativos distantes do mundo total. Quando se fala em morte, deve ser entendido como uma porção a ser apreendida pelo mundo total. Neste manifestam todos os fenômenos a que o homem submete-se em vida: o nascimento, a infância, a idade adulta, a velhice, a doença e a morte.

Assim posto, pode-se dizer que o culto aos antepassados sustenta-se na manutenção de uma tradição em que os signos são constituídos de palavras e atos. Entretanto, a mentalidade fragmentada do mundo a que somos condicionados distanciou o entendimento racional e gradativo (dos modernos) da atitude intuitiva e imediata (dos antigos). Eis que aparece o instante de crise: desconhecimento e desinteresse.

Em vista a esta situação, durante os sermões os discursos são produzidos na tentativa de concatená-los ao entendimento dos participantes das cerimônias memoriais. Nem sempre este canal de comunicação se torna possível, seja pela falta de domínio de uma linguagem apropriada (destas cerimônias), seja pela dificuldade de desmontar um discurso que avança além do campo conceitual.

Muito mais do que o próprio ato cerimonial, o sermão tem se transformado num ponto de convergência do mundo isento de palavras (simbólico), para o mundo dependente das palavras (conceitual). Se no mundo sem palavras o importante são os movimentos executados, o canto dos sutras, a oferta de incenso, flores, frutas e alimentos no altar, quando se adota uma postura de contemplação, no outro caso questiona-se os motivos e causas para que justifiquem tais procedimentos. Então surge um grande dilema: Por quê?

## 2.A raiz confucionista

Não existe uma razão suficientemente justificável para que uma cerimônia memorial seja realizada. Nem mesmo faz parte do cannon budista o incentivo a tais

procedimentos. Entretanto, no caso das tradições orientais de origem chinesa, coreana e japonesa estas práticas têm ocorrido de maneira constante nos últimos séculos. Teria sido justamente este costume, no interior da religião budista, o motivo principal para a constituição de terreno fértil para a vinda de missionários budistas ao Brasil. Pensar que de imediato, os templos foram construídos para o atendimento do público em geral é desconhecer os fatos.

Conforme a pesquisa de Arlinda Rocha Nogueira, “raros foram os templos budistas e praticamente nenhum santuário foi erigido no Brasil antes dos anos cinqüenta” (Nogueira, 1984, p.162). Provavelmente, antes deste período existiam templos e sacerdotes que realizavam os serviços memoriais, sem uma filiação direta com as matrizes dos templos no Japão. Isso significa que eram instituições religiosas nacionais, mantidas pela comunidade local em caráter temporário.

Acreditava-se neste tempo que o retorno ao Japão se daria a qualquer momento, bastando para isso que os imigrantes tivessem condições econômicas favoráveis. Teria sido esta a ideologia que motivara a crescente onda migratória para o país. Uma vez que tal intento não se concretizara, pois o Japão tinha sido derrotado na guerra e o imigrante encontrava-se ainda despojado de recursos, ficar no Brasil tornou-se condição inexorável. A guerra provocara uma mudança da atitude mental, que aconteceu de maneira nem sempre pacífica.

Atitude esta que é transferida igualmente para o campo religioso: pede-se a vinda de missionários japoneses e a instalação de templos sedes das inúmeras tradições budistas. O que ocorrera, afinal, no campo mental destes imigrantes: morrer no Brasil e manter o culto aos seus mortos no país que os acolhera. Antes, o sentimento tinha sido diferente. “Para os japoneses, após a morte sua alma regressava para o Japão. Assim, a morte no Brasil era encarada como simples acidente, algo que fugia às expectativas” (Nogueira, p.162).

Para estes imigrantes o culto aos antepassados tinha um papel importante, pois se tratava de uma prática que possibilitava manter a harmonia na família através do sentimento gratidão e dever filial. Notadamente, estas características são comuns do confucionismo. No Japão, a influência do confucionismo se deu de maneira enfática a partir do século XVII, moldando a maneira de ser do homem japonês. Período de grande

paz e desenvolvimento cultural, que se estende nos séculos seguintes, o neoconfucionismo irá nortear os padrões de comportamento naquele país. Educadores como Hayashi Razan (1583-1657) irão ditar normas para a vida social, num país unificado, que sente os efeitos da formação das cidades.

Confúcio tinha desenvolvido uma pedagogia social na qual ensinava os valores éticos como respeito para os mais velhos, para os pais e professores, para os dirigentes políticos. O culto à figura emblemática do Imperador também bebeu da mesma fonte confuciana. Respeitar os antepassados fazia parte da ética pregada pelo pensador chinês, que tinha um caráter não apenas religioso, mas social.

*Os métodos de Confúcio eram diferentes dos de Sócrates, mas seu objetivo era o mesmo, a definição da moral com o fito de aplicá-la à vida no Estado. E ,em parte, a enorme influência de ambos veio a exercer sobre as sociedades do Leste e do Oeste deve-se ao fato de terem eles vivido a sua própria experiência da virtude, que defenderam de forma tão coerente (Morton, 1986, p.60)*

Da mesma forma que não se questionava o porquê se deve lealdade ao Imperador, demonstrar gratidão aos pais, o mesmo se dava em relação aos antepassados. Nada mais natural! Entretanto, nunca o céptico Confúcio comentou a respeito da morte e da suposta fugacidade da vida. Questões desta natureza poderiam parecer demasiadamente metafísicas no pensamento e atuação concreta na vida, pelo viés confuciano. Assim, os oficiantes budistas, no caso da Escola Zen Soto, outrora se preocupavam em desenvolver um discurso durante o sermão conforme o senso comum.

Dizia-se que a retribuição de um filho continuava após a morte dos pais, realizando cerimônias memoriais no dia e mês em que ocorrera o passamento em determinados anos. Ensinava-se como deviam manter os altares domésticos, com as devidas oferendas diárias. Pela manhã trocava-se a água do altar, ofertando um palito de incenso. No almoço, a primeira porção de arroz branco devia ser dirigida no altar dos antepassados.

Todo este procedimento tinha um propósito pedagógico, mas cujo motivo era de ordem pessoal. Vista assim, a morte poderia ser considerada apenas uma

circunstância. Caberia aos descendentes, com mais ênfase, o filho mais velho, a responsabilidade de “cuidar” dos pais falecidos. Era ele que conservava no lar o altar doméstico, realizando diariamente as obrigações como as ofertas. Os outros irmãos viam-se desobrigados a manter tais procedimentos. Durante a vida era igualmente o irmão primogênito aquele que assumia as obrigações filiais, cuidando e zelando pelo bem estar dos pais.

Os costumes oriundos do confucionismo foram transmitidos por via oral e incorporados no cotidiano, que ao penetrar no universo budista, que lidava com o transcendental, mesclou os interesses da vida prática com a metafísica da morte. Pouco se falava da morte, pois os motivos maiores eram os de cultuar os antepassados, o suficiente para esgotar o assunto em relação a um tema que não tinha como estar separado. Pode-se dizer que a morte era uma questão a ser diluída em sua importância através da assistência familiar, na primeira instância, e das amizades, na segunda instância.

Em se tratando num país como o Japão, de cultura híbrida, a religião de matizes diferentes como o budismo, o xintoísmo e a pedagogia confucionista interpenetraram-se no âmbito da constituição familiar. Não falamos em manifestações religiosas puras, mas antes cultura com argumentação religiosa. Diferente em se tratando da experiência dos povos de cultura ocidental, no qual o dogma cria uma “verdade” em detrimento a qualquer outro postulado. “Pois ela aparece, como tendência predominante, a necessidade de se isolar de doutrinas estranhas concorrentes e de manter o domínio pela propaganda, e, com isso, a importância da doutrina discriminadora” (Weber, 1994, p.316).

Quando se fala em culto aos antepassados, costuma-se respeitar também o templo a que a família estava filiada desde os tempos remotos. São inúmeras as denominações dos templos budistas ou tradições, que por algum motivo os ancestrais mantinham ligações. Quer dizer: solicitavam os serviços fúnebres e as cerimônias memoriais. No primeiro momento, esta maneira de lidar com os antepassados foi transferida para o Brasil. Por isso, a instalação da tradição Zen Soto, que acontecera em 1955, através do Prelado Gyokuen Takashina, atendeu o pedido de antigos membros que desejavam filiar-se novamente àquela linhagem mas em solo brasileiro. Esta fidelidade à tradição é um elemento vindo do pensamento confucionista. Não se filia a uma tradição, desconhecendo-se a filiação dos ancestrais.

### 3.Representação da morte

Ainda que motivações de ordem confucionista estejam presentes nos sermões budistas, verifica-se na última década uma preocupação de dar explicações a partir da compreensão budista da vida e da morte. Ficar preso à argumentação confucionista não é capaz mais de estimular os ânimos dos frequentadores das cerimônias memoriais. Claro, leva-se em consideração a mudança dos tempos. Dizer a um descendente de 3a.geração de que a cerimônia memorial deve ser realizada, por atender a um costume em respeito aos antigos não é satisfatório. Outrora, a simples palavra de um monge era suficiente para sanar qualquer dúvida. Diria-se então: “se você ama seus pais, quer demonstrar gratidão por eles, cultue a memória deles”.

Enquanto a prática confucionista da vida começa a sentir a debilidade de sua argumentação, o budismo tenta penetrar no vácuo deixado e desenvolver um discurso mais próximo dos ensinamentos próprios. Para isso necessita adotar um método didático, que vai desde a desconstrução dos signos materiais até as várias vertentes explicativas da morte.

Quando a morte acontece, um monge oficiante é devidamente chamado para proceder os serviços fúnebres. Todo um ritual é realizado, cuja linguagem fundamenta-se unicamente nas práticas (e ensinamentos) desenvolvidas por aquela tradição. Não se trata de entendimento leigo. Mas um iniciado no budismo, inclusive leigo, poderá saber a respeito do que acontece. De acordo com a tradição Zen Soto, todos devem se tornar discípulos de Buda para que se possa almejar atravessar “a outra margem do rio”. Isso pode acontecer durante a vida ou na pós-morte. Assim, o falecido recebe os dezesseis preceitos e é em seguida mandado para o mundo dos seres iluminados para se tornar um deles. A palavra Buda, *Hotoke* em língua japonesa, se aplica também em relação aos falecidos. Quer dizer que um desencarnado, que abandonou o corpo, inicia um processo de desaparecimento, culminando na transformação dele num Buda.

Algumas vezes, durante o funeral, o monge oficiante explica aproveitando-se de algumas lacunas o que está ocorrendo. O monge A disse, no decorrer do ato fúnebre, que o falecido receberia um documento, o selo da transmissão, que de

forma ininterrupta iniciara-se com o Buda Shakyamuni, passando por todos os patriarcas da Índia, depois China, Japão, e penetrando no Brasil através de seu portador. Explicações à parte, possivelmente os que não estão inteirados com o ensinamento da Escola Zen Soto, continuarão na ignorância. Mas serve como tentativa. Um funeral faria, para o leigo, parte de um mundo simbólico que se restringiria aos especialistas. Talvez não fosse de interesse imediato, ao contrário das cerimônias memoriais e do culto aos antepassados.

O primeiro procedimento após o funeral é a cerimônia memorial de 7o. dia, seguido dos 49 dias. Este período trata-se da fase de preparação do falecido em sua derradeira viagem para a libertação, no reino dos Seres Iluminados. Não se refere a um paraíso, como percebem os das religiões mosaicas. Alguns falam em paraíso, pela tradução aproximada da palavra *Gokuraku*, outros ainda em *Jodo*, ou Terra Pura.

A cerimônia de 7o.dia é a primeira de uma série de sete semanas consecutivas, culminando na 7a. como sendo última, que corresponde a 49 dias. O monge oficiante B tem desenvolvido um discurso ilustrativo, capaz de oferecer subsídios para a compreensão. Disse ele que o Buda Shakyamuni ensinava que os homens estavam presos numa malha de desejos, e conseqüentemente, não percebiam a verdade. Por isso, resolveu formar um território no qual os interessados poderiam treinar a mente do desapego. Teria aconselhado ele que estes, no caso *bikkhu* (monges), abandonassem os laços que os atavam a tais apegos. Formou-se então a comunidade de monges, que passou a denominar-se *sangha*.

Seja em vida ou com a morte, a Iluminação se tornara condição para a libertação e conseqüente experiência do Dharma. Entende-se por Dharma a Lei Cósmica que rege o universo. Conhecer o Dharma, mas igualmente vivenciá-lo, é defrontar-se com a verdade. Assim sendo, em se tratando de alguém desencarnado, em seu processo de abandono, continua apegado a uma mente criada pelo condicionamento do mundo fenomênico. Para que esta situação se modifique, um prazo de 49 dias é necessário para que o processo do desapego se consolide. Este é o período do bardo, fase intermediária entre o mundo da matéria e o mundo etéreo. Vencido os 49 dias, acredita-se que o falecido teria almejado conquistar uma mente pura, liberto dos resquílios das paixões. Somente assim, poderia se encaminhar para o mundo dos Budas.

Esta explicação tem por base uma narrativa mítica, cujo propósito é dar sustentação a uma prática comum entre os budistas. No caso, justifica-se o sentido da realização do memorial dos 49 dias. Mas no sentido prático, os 49 dias, para a família, envolvem motivações de natureza subjetiva como saudade, reconhecimento, amizade e despedida. Se uma espécie de luto tiver que acontecer, que seja realizado durante os 49 dias. Não um luto no sentido mórbido, de alimentar a tristeza e a solidão. É um pouco diferente: não se comete exageros durante este período, preservando um clima de tranqüilidade, com o intuito de promover a harmonia.

Quando se realiza a cerimônia dos 49 dias, todos os familiares, amigos e colegas comparecem como forma de despedida. Maior é a quantidade de comparecimento, quanto maior for o grau de relações criadas pelo próprio ou pela família. A família se sentirá imensamente gratificada quando muitos comparecerem. É quando a família poderá demonstrar o seu agradecimento oferecendo a todos os que compareceram chá e alguma lembrança a fim de marcar o acontecimento. Seria esta uma forma da família se sentir confortada diante da situação inusitada, como a perda. Lidar com a morte, visto por este prisma, é repartir a dor e receber a solidariedade de todos. No caso, o chá é o momento de descontração, em que se bebe e come, com todos os amigos próximos. Nestas cerimônias, após o ato solene de matiz budista, acontece um outro, o do chá, em que prioriza o encontro dos parentes e amigos do falecido.

Enquanto na cerimônia, a presença do monge é necessária, devido a sua especialidade no terreno desconhecido pelos leigos, o mesmo não acontece durante a hora do chá. Posto de outra forma: o religioso cuida dos assuntos do além, durante a cerimônia, enquanto os leigos se prontificam em receber os vivos, durante o chá. Um ciclo completo se forma em que a morte se completa com a vida, e a vida se completa com a morte. Para os mortos oferecem-se o incenso em sua fluidez, as frutas e alimentos como representação de algo bom que temos, as palavras e o canto dos sutras. Para os vivos, a oferta deve ser mais orgânica: alimento e chá. Assim, o homem repete o movimento circular da natureza de vida/morte, morte/vida sem que possa deter a roda da impermanência de toda existência.

Maneiras de se comportar, ainda que em nível inconsciente, continuam se reproduzindo como parte de uma linguagem que se constrói pelo homem produtor de

cultura. Conforme Michel Foucault, a linguagem deve ser pensada como uma coisa da natureza. “A linguagem está a meio caminho entre as figuras visíveis da natureza e as conveniências secretas dos discursos esotéricos. É uma natureza fragmentada, dividida contra ela mesma e alterada, que perdeu sua transparência primeira: é um segredo que traz em si, mas na superfície, as marcas decifráveis daquilo que ele quer dizer. É ao mesmo tempo, revelação subterrânea e revelação que, pouco a pouco, se restabelece numa claridade ascendente” (Foucault, 1992, p.51-52).

#### 4. Forças do além

Tendo por base a teoria da interdependência, que vai além da matéria, o monge oficiante C tem realizado um sermão capaz de quebrar padrões conceituais de separação do mundo visível e o mundo invisível. Conforme ele tem dito, uma cerimônia memorial possibilita ajudar os entes que se encontram na outra margem do rio. Basta dedicar alguns minutos numa cerimônia, recitar os sutras, fazer oferendas, que assim o antepassado se fortalecerá enquanto ser da Iluminação. “Ele se tornará um Buda melhor”, segundo as suas palavras. O que poderá significar isso? Um Buda melhor? Que idéia ele tem a respeito de Buda?

Na maneira proposta, Buda se refere a qualquer um, que ao desencarnar inicia a derradeira viagem de abandono e percepção da verdade. A morte seria visto como um início, um renascer em direção ao conhecimento. O abandono do corpo seria o começo deste processo. Assim, através do culto que se presta aos antepassados, seja no lar, seja nas cerimônias feitas nos templos, o falecido, tratado agora como Buda (ou *Hotoke*) irá beneficiar-se dos ofícios realizados em sua intenção. Ter benefícios pode ser entendido como sentir-se fortalecido em sua prática e incentivado a continuar avançando.

Segundo o monge oficiante C, a dedicação dos vivos em ajudar os antepassados é capaz de transformar, inclusive, as más ações cometidas em vida em boas ações. Todo ser errante, entenda-se ser humano, mergulhado em sua própria ilusão comete uma quantidade de ações. Estas, por sua vez, repercutem em todas as esferas do Universo e deixa marcas. Chamemos estas ações de karma. Nem a morte é capaz de destruir um karma produzido.

Ao se participar de uma cerimônia memorial, ensinou o mesmo monge, ao gerar uma ação benéfica pela doação em forma de orações e demais atitudes de reconhecimento e compaixão, ao mesmo tempo em que ajuda o antepassado em seu treinamento para a Iluminação, acaba retornando àquele que provocou a ação. Talvez não ocorra este movimento no tempo imediato e de forma mecânica, mas haverá impreterivelmente um retorno da ação impetrada. Tem como máxima os Três Preceitos Puros, que devem ser praticados pelos budistas: Não faça o mal. Faça o bem. Ajude todos os seres.

Em todo discurso produzido, haverá explicações condizentes com a nossa experiência e entendimento, e outras vezes se torna demasiadamente árduo para a assimilação conceitual. Perseguir soluções plausíveis conforme nossa busca pelos canais cognitivos de assimilação, não se aplica de todo no campo religioso. É na linguagem que deve se buscar os sentidos do mundo em toda sua ambigüidade. Diz Foucault a este respeito:

*Mas, se a linguagem não mais se assemelha imediatamente às coisas que ela nomeia, não está por isso separada do mundo; continua, sob uma forma, a ser o lugar das revelações e a fazer parte do espaço onde a verdade, ao mesmo tempo, se manifesta e se enuncia. Certamente que não é mais a natureza na sua visibilidade de origem, mas também não é um instrumento misterioso, cujos poderes somente alguns privilegiados conheceriam (Foucault, 1992 p.52,53).*

É impossível produzir um discurso que seja comum aos leigos e aos estudiosos do assunto, praticantes do budismo comprometidos em levar adiante não apenas os ensinamentos mas submeter a própria vida ao treinamento para a libertação. Aquilo que se fala no sermão para uma platéia convocada para uma cerimônia memorial são os primeiros passos de entendimento do budismo. De modo preciso, se fala sobre a verdade a respeito da morte. Como disse o monge oficiante A, o sermão da cerimônia memorial é oportunidade de mostrar a verdade para aqueles que estão iludidos.

## 5. Quebrando a ilusão

Normalmente o texto que se canta durante as cerimônias memoriais é o *Shushogi*, no qual o primeiro capítulo serve de ilustração. Assim que se dá início, declara que “se há Buda dentro do nascer e morrer, não há nascer e morrer”. E assim “simplesmente compreenda que nascimento e morte são em si o Nirvana” (Sotoshu Nanbei Betsuin Bushinji Kyoten, p.21). Declaração que de uma vez por todas coloca em cheque a própria idéia de nascimento e morte como reais, criticando a dualidade presente neles. Portanto, quando Buda está presente não existe mais a dualidade nascimento e morte. O Buda, em referência, significa ver a verdade além da dualidade, dos conceitos criados pela linguagem em curso. Nenhuma interferência sobrenatural se faz necessária, apenas o entendimento. Ter o entendimento é o mesmo que experimentar o Nirvana.

Numa destas interferências, o monge oficiante B colocou em seu sermão que não existe diferença entre nascimento e morte. Em nosso mundo, disse, para que haja nascimento é preciso haver a morte, para haver a morte é preciso que haja nascimento. Não sendo o nascimento uma negação da morte, nem a morte negação do nascimento. Nascimento e morte são componentes de uma única moeda, cujas faces parecem demonstrar o contrário. Acreditar nas separações nascimento e morte é negar o princípio de unidade. Eis a questão principal: a unidade.

Aquilo que separa é conseqüência de nossa mente dividida. Esta divisão apareceu por causa da arbitrariedade de nossas idéias que avalia, valoriza, compara, interfere, cria preferências e denomina. Como coloca o monge oficiante B, o céu não está separado do inferno. Em se tratado de idéias, esta é a linguagem da contradição entre iguais. Se em Platão as idéias tinham consistência em relação ao mundo efêmero da matéria, sendo determinante em relação a esta, a verdade foi sempre idealizada. Idealizar o céu como separado do inferno é realizá-los enquanto crença no mundo concreto. Mas a origem teria se dado de forma abstrata.

Criticando a formação mental como produtora de uma linguagem inserida na antítese da dualidade, o monge oficiante A ataca diretamente a raiz de todo equívoco. Disse ele que o alto e o baixo, o dentro e o fora, o dia e a noite, a claridade e a escuridão são categorias criadas mentalmente. Seriam para ele denominações arbitrárias, presentes na linguagem, usadas para dar um sentido aos fenômenos que se manifestam no mundo.

Em questão, o alto e o baixo existem enquanto formas discriminatórias que comprovam a sua existência no plano da linguagem, para se referir a um acontecimento no campo do fenômeno. Mas esta existência não se dá na realidade, sendo portanto apenas termos transitórios e inconstantes.

Ao penetrar no discurso do monge oficiante A, novas falas acabam surgindo, cuja intencionalidade não foi provocada. Ensina Foucault que devemos interpretar as palavras e o que elas ocultam em sua linguagem nem sempre objetiva.

*Saber consiste, pois em referir a linguagem à linguagem. Em restituir a grande planície uniforme das palavras e das coisas. Em fazer tudo falar. Isto é, em fazer nascer, por sobre todas as marcas, o discurso seguido do comentário. O que é próprio do saber não é nem ver nem demonstrar, mas interpretar. Comentários das Escrituras, comentários dos antigos, comentários o que relatavam os viajantes, comentários das lendas e das fábulas: não se solicita a cada um desses discursos que se interpreta seu direito de enunciar uma verdade; só se requer dele a possibilidade de falar sobre ele.*(Foucault, 1992 p.56)

Quando o arcabouço teórico da dualidade torna-se frágil, o momento é de destruição, para em seguida dar lugar a idéia de unidade. Uma vez que se fala que o nascimento e a morte não se defrontam, a morte não precisa ser negada, mas pensada a partir de novas perspectivas de entendimento. Assim, o mundo dos vivos não precisa estar separado do mundo dos mortos. Pode-se falar em forma de linguagem no mundo dos mortos como sendo um lugar além da outra margem do rio. Maneira figurativa para se referir a um possível mundo dos mortos. Entretanto, se a unidade pode ser levada em consideração, então o mundo dos mortos não se localiza senão no nosso próprio mundo. Não se trata do mundo material apenas, mas de todos os outros.

Nesta forma de pensar, a cerimônia memorial se justifica. Pode-se relacionar com os mortos através de uma ponte simbólica, que é o ato religioso mencionado. Somente a partir da ciência de que o Universo não se encontra separado, ao contrário engloba tudo que existe, a cerimônia memorial ganha eficiência. Por outro lado, se alguma forma de separação realmente existisse, então nenhuma comunicação seria

possível. De alguma forma, tudo aquilo que realizamos no plano do mundo visível aos nossos sentidos, acaba por repercutir no Universo inteiro.

Aquilo que incomoda o nosso entendimento é justamente a idéia que se tem a respeito de espírito. O modo de pensar oriental não teria passado pela imposição racionalista do Iluminismo. Na concepção ocidental, o espírito seria uma unidade autônoma distanciado de qualquer relação cósmica, da provável existência de uma consciência universal. Disse Jung a este respeito que “o desenvolvimento da filosofia ocidental nos dois últimos séculos teve como resultado o isolamento do espírito em sua própria esfera e a ruptura de sua unidade original com o universo. O próprio homem deixou de ser o microcosmo, e sua alma já não é mais 'scintilla' consubstancial ou uma centelha da 'anima mundi'” (Jung, 1991, p.1).

Mais do que uma experiência física, a morte na concepção budista da tradição Zen Soto, deve ser entendida como linguagem que tenta denominar uma determinada situação. Ao se modificar esta linguagem, também é possível mudar a idéia que se tem a respeito dela. Todo sermão pós-cerimônia memorial acontece visando tornar a morte menos traumática ao dirimir a sua importância como um fator de relevância. Que dizer, a morte não existe, não passa de um processo de transformação dos elementos orgânicos para inorgânicos, do visível para o invisível, da matéria para a não matéria, do cognoscível para o incognoscível.

Qualquer tentativa de explicar ou apreender o incognoscível é frustrada. Mas podemos falar a respeito da vida, pois a nossa experiência neste momento se realiza nela através de uma atuação compartilhada do corpo e da mente. Dizer que a vida pertence somente a mim, explica o monge oficiante B, não passa de um grande engano. Não existe vida separada. Não existe vida individual, que não dependa de outras vidas. Estas outras são as do Universo inteiro, no qual incluem as montanhas, as plantas, os animais, os nossos pais, amigos, enfim de todos que nos cercam e compartilham conosco da vida. De acordo como ele propõe, a vida é uma rede interconectada na qual tomam parte todos os seres animados do Universo.

Ainda que uma das unidades minúsculas deste grande corpo cósmico deixe de existir no circuito nervoso do sistema, a vida não desaparece pois o movimento continua promovendo sua própria restauração. O monge oficiante B diz que a vida de

alguém que morre permanece presente no corpo e mente daqueles que vivem. Na mente enquanto atitude emocional, como a lembrança, reconhecimento, sentimentos de afetividade. No corpo como atuação concreta na vida, realizando aquilo que foi transmitido como exemplo a ser seguido.

*Pela primeira vez talvez na cultura ocidental, descobre-se essa dimensão absolutamente aberta de uma linguagem que não pode mais se deter porque jamais encerrada numa palavra definitiva, só enunciará sua verdade num discurso futuro, inteiramente consagrado a dizer e que irá dizer; mas esse próprio discurso não tem o poder de se deter sobre si e encerra aquilo que diz como uma promessa legada ainda a um outro discurso (Foucault, 1992, p. 57).*

De certo, o entendimento nem sempre é possível, pois o discurso bem construído pode agradar mas a mentalidade se encontra ainda amarrada numa espécie maniqueísta de conflito entre pontos aparentemente distanciados. Fazemos, é claro, parte de uma cultura sustentada por um modelo racional, imediatista e arbitrário. Não se trata de defender uma determinada visão de mundo. Há visões de mundo apenas. No caso da representação budista a respeito da morte, esta traz uma visão que trata da questão de maneira objetivamente transformadora. Talvez uma forma menos canônica, de acesso possível apenas pelos especialistas das ciências ocultas, muito pelo contrário. Nem mesmo a morte deve ser subjugada nas explicações de uma verdade revelada, de cunho profético.

Um entendimento requer ao mesmo tempo quebra de padrões conceituais e o ingresso no universo da linguagem em que o discurso foi construído. Deixaria de existir um mundo exterior aquém de nossa capacidade sensorial. A mente deve abarcar o mundo e transformá-la em linguagem. “O homem precisa apenas tomar consciência de que está contido na sua própria psique e que nem mesmo em estado de demência poderá ultrapassar estes limites. Também deve reconhecer que a forma de manifestação de seu mundo ou de seus deuses depende, em grande parte, de sua própria constituição espiritual” (Jung, p4).

## 6. Notas finais

De alguma forma, o tema da morte sempre incomodou a inteligência humana nos vários campos do conhecimento. Ninguém pode resolver esta questão. A morte poderia significar o fim ou talvez o começo. Sem falar nas disciplinas modernas, a morte fora incorporada como um assunto da mística de um povo: suas religiões, suas crenças, seus mitos. Assim, se uma explicação satisfaz as necessidades emocionais e filosóficas de um grupo, então temos a concepção de morte construída através da linguagem.

Evidentemente a forma como ela é pensada poderá sofrer mudanças, conforme a época e necessidades. Dizia-se entre os nórdicos que os guerreiros mortos em campos de batalha seriam depois recolhidas pelas Valquírias e conduzidos para o paraíso – Valhala. Hoje tal discurso não teria sucesso. No caso do budismo, o viés da explicação confucionista também perdeu crédito. Dizer hoje que devemos respeitar os velhos, inquestionável pelo ensinamento confucionista, tornou-se mais uma atitude de misericórdia do que um dever cívico. Os velhos mudaram, desde então. Hoje, são idosos, ranzinzas e merecedores de nossa ajuda. Mas Confúcio diria que os velhos são sábios, guardadores da memória, têm o conhecimento e eram chamados de mestres.

Não quer dizer que exista uma preocupação purista nos discursos do budismo, no caso do templo a que nos referimos. Entretanto, verifica-se um discurso inserido na experiência da leitura dos textos antigos. Disse em outra parte deste opúsculo que determinados assuntos eram mais permeáveis somente aos iniciados. Por iniciados entendo os estudantes de budismo, que se propuseram a treinar no templo sob a direção de um mestre. São pessoas que pesquisam a própria mente, num processo contínuo de autoconhecimento. Não que possamos identificar diferenças significativas entre os iniciados e os totalmente alheios ao assunto. Mas o discurso pode ser diferente.

A presente comunicação teve por propósito identificar os tipos de sermões (discursos) a respeito da morte, levando em consideração o culto aos antepassados e as cerimônias memoriais. Não se fala tanto em culto aos antepassados, como conforme os ditames do confucionismo. Mas cerimônias memoriais continuam existindo em respeito a uma tradição, muito mais por uma carência emocional diante da inevitabilidade da morte.

Ainda as cerimônias memoriais e também o culto aos antepassados no âmbito doméstico conseguem promover uma estabilidade familiar no que se refere ao desconhecido.

Se por um lado verifica-se uma tendência ao desinteresse quanto à continuação de uma tradição que valoriza o culto aos antepassados, por outro, as cerimônias memoriais servem de retomada de uma ligação que fora rompida anteriormente. No caso, então, a cerimônia é um *religere*, no âmbito da religiosidade oficial. Reforçar um discurso no sentido de explicar o porquê do culto aos antepassados, de fato, no primeiro momento pode surtir efeito, mas será abandonado posteriormente. Entendemos que o culto aos antepassados seja parte de uma atividade domiciliar, restrito à família. Por isso, está além da linguagem justificada por uma lógica, ainda que todos os argumentos sejam aceitos. Esta linguagem familiar é irracional, no nível inconsciente, abrigo de todos os sentimentos mais profundos que somente se manifesta através de símbolos no campo das possibilidades dos gestos e atitudes. Nada disso se explica ou se faz necessário uma explicação.

Mas o discurso a respeito da morte continuará existindo no templo budista, no caso aquele que referimos neste estudo, seja durante os sermões das cerimônias memoriais, seja também fora dela. Qualquer razão que implique na construção de um discurso sobre a morte, naturalmente estará falando com muito mais ênfase sobre a vida. Não na vida enquanto antítese, mas principalmente na preparação diante do inevitável. Seria mais conveniente se dizer que depois do inverno haverá o outono, mas o inverno é antecedido pela primavera. Nada mais natural, esta é a verdade, a Roda do Dharma.

#### Bibliografia

- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- JUNG, C.G. Psicologia e Religião Oriental: 5a.edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1991.
- MORTON, W.Scott. China História e Cultura, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1986.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Imigração Japonesa na história contemporânea do Brasil, São Paulo, Massao Ohno Editor, 1984.

Sotoshu Nanbei Betsuin Bushinji Kyoten: São Paulo, s.d.

WEBER, Max. Economia e Sociedade, volume 1: Brasília, Editora UNB, 1994.